

7 Conclusão

Na busca pela identificação de aspectos da Economia de Comunhão que favoreceriam o enfrentamento da exclusão social no Município de Vargem Grande Paulista, objetivo geral deste trabalho, nota-se que aquele tipo de Economia assume um sentido mais amplo para a palavra “inclusão”. Em consonância com as recentes pesquisas sobre exclusão social, tal problemática é vista tanto por seu aspecto material quanto simbólico.

Da mesma forma, a avaliação do papel da Economia de Comunhão no enfrentamento da exclusão não pode ser feita apenas segundo uma “racionalidade segundo os fins”. Além de análises quantitativas dos empregos e da renda gerados, é fundamental observar quais os impactos que as ações geradas por valores cristãos exercem sobre o potencial de coesão dos grupos envolvidos e, portanto, sobre a possibilidade de inclusão nestes grupos.

Foi segundo essa perspectiva que a pesquisa de campo foi realizada, buscando-se identificar aspectos e padrões de comportamento comuns aos praticantes da Economia de Comunhão que pudessem contribuir para a construção de um “padrão de vida digno” para a comunidade de Vargem Grande Paulista.

Pode ser constatado pelos diversos relatos feitos pelos empresários e executivos dessas empresas que todos eles procuram desenvolver formas de gestão atendo-se estritamente às premissas estabelecidas por Chiara Lubich. Dessa forma, estabelece-se como meta principal o resgate da cidadania plena para aqueles excluídos, como também, o estreito cumprimento das obrigações exigidas por toda a cadeia produtiva, incluindo-se aí, os deveres para com o poder público.

Em sintonia com a pesquisa que serviu de base para esta dissertação, que aponta o índice de emprego formal como um dos componentes de um padrão de vida digno, o estímulo à geração de empregos também é um importante alvo da

Economia de Comunhão. Contudo, esse objetivo não é fácil de ser atingido, uma vez que exige pessoas que detenham um bom nível cultural e alguma experiência profissional. Quando se trabalha com pessoas que têm um baixo grau de escolaridade, com poucos recursos parece, que esse objetivo somente será alcançado no longo prazo, por meio de muita perseverança. É capital, porém, a necessidade do trabalho e, numa visão mais breve, enaltecem-se os esforços daqueles empresários e executivos na manutenção de seus funcionários, o que muito contribui para a manutenção da auto-estima e do padrão de vida deles. Tendo-se em mente as condições em que o Movimento dos Focolares se encontra no atual momento, operando com poucos recursos financeiros, essa já é uma vitória.

Como exemplos de ações com potencial para enfrentar a dimensão simbólica da exclusão em médio e longo prazo, destacam-se a escolinha NAI e o Centro Nacional de Formação de “Homens Novos” que visam prestar atendimento no campo da educação. Suas ações dão-se tanto pela ocupação que se oferece às crianças fora de seus horários normais da escola oficial, quanto pelo oferecimento de cursos profissionalizantes àqueles que, por algum motivo, ficaram fora do mercado de trabalho. Já na formação de “Homens Novos”, o Movimento dos Focolares, além de propor a manutenção do próprio movimento e da Economia de Comunhão para as gerações futuras, oferece, também, iniciação ao trabalho para esses jovens e uma lição de vida e comportamento, sobre tudo no aspecto ético, que eles deverão carregar para si durante toda a vida. As empresas, como é o caso da Policlínica Ágape que promove estímulo cultural, por sua vez, mostram para as comunidades vizinhas novas formas de trabalho, como modelo e promoção de eventos e promovem novas alternativas de campos de trabalho para seus membros.

A partir da observação tanto das intenções originais associadas à idéia de uma economia baseada na partilha, quanto da conduta das pessoas envolvidas, conclui-se que a Economia de Comunhão é capaz de promover a inclusão social em seu sentido mais amplo. Buscando conhecer as reais necessidades das comunidades vizinhas e estabelecendo propostas que venham a ajudá-las a seguir por um caminho no qual pesquem e compartilhem o peixe, em vez de apenas implorarem por recebê-lo por doação, as pessoas que fazem da Economia de

Comunhão uma realidade estão, de fato, contribuindo para que fatores causadores da exclusão social sejam minimizados. Resta saber se tal projeto crescerá o suficiente para atingir uma massa crítica capaz de fazer com que os resultados se reflitam em indicadores macro-econômicos e sociais.

Algumas restrições parecem se impor a esse crescimento. A maioria das pessoas entrevistadas na pesquisa realizada para esta dissertação demonstrou ter o espírito empreendedor necessário àqueles que desejam ter o seu próprio negócio. Contudo, essas empresas também mostraram uma certa fragilidade na escolha do negócio a ser explorado e a falta do conhecimento necessário à sua implementação. O resultado dessa experiência reflete-se nas crises constantes que muitos passaram e, de certa forma, ainda passam. Todavia, essas crises serviram para estabelecer uma certa união entre os empresários das empresas de Economia de Comunhão. União esta que pode ser traduzida da seguinte forma: aqueles que têm melhores condições ajudam ou prestam algum apoio empresarial para outros que não estejam bem financeiramente ou necessitem de alguma consultoria.

Nas empresas visitadas, percebe-se que a grande maioria consegue fazer com que suas equipes de trabalho se autogerenciem. É bem verdade que isso talvez seja motivado por todas as empresas serem muito pequenas, o que torna qualquer ocorrência fora da rotina normal da produção mais perceptível. De qualquer modo, a não existência de um chefe que atue diretamente nas diversas linhas de produção foi uma observação constatada *in-loco*. Isso representa uma boa economia nos custos, o que é um fator positivo que os ajuda a enfrentar os concorrentes.

Na análise das condutas dos praticantes da Economia de Comunhão que tenham o propósito de contribuir para modificar o padrão dominante de relações sociais desiguais na comunidade do Município de Vargem Grande Paulista (objetivo específico deste trabalho), há de se considerar a ajuda dada à comunidade pelo Movimento dos Focolares. É, sem dúvida, algo relevante. A luta das focolarinas e voluntários para dar ocupação aos jovens da localidade tende a evitar que eles sejam abordados por pessoas mal intencionadas, deixando seus pais livres e despreocupados para que possam trabalhar. A procura de alternativas que possam oferecer cursos profissionalizantes aos adolescentes –

para que consigam o primeiro emprego – e àqueles que por algum motivo estão fora do mercado do trabalho; o auxílio ao povo negro do quilombo existente na região e o altíssimo nível de educação ética e moral fornecido às futuras focolarinas são ações que precisam ser consideradas quando se estuda o fenômeno da Economia de Comunhão. Isso significa que não se pode pensar a Economia de Comunhão afastada do Movimento dos Focolares. Embora não haja uma vinculação formal obrigatória, é aquele movimento que dá sustentação ética a esse modelo de economia.

Acredita-se que o Movimento dos Focolares e sua iniciativa da Economia de Comunhão não sejam fenômenos passageiros. Vale lembrar, porém, que o que aqui se descreve é algo muito recente, de certa forma, provendo soluções pontuais. Para que o potencial de suas ações seja percebido pela sociedade é importante que haja uma reflexão contínua sobre os valores, princípios e condutas associados à Economia de Comunhão. Neste sentido, pesquisas como esta e muitas outras que têm sido desenvolvidas em universidades ao redor do mundo são de grande valia para aprofundar a discussão e para propagar esta idéia que traz consigo a promessa de uma vida mais digna para todos.